

■ NACIONAL

# A saúde em São Paulo melhorou com o bug

Hospitais aproveitaram para apressar a modernização de sistemas de informática ultrapassados e trocar as máquinas obsoletas

Marília de Camargo Cesar  
de São Paulo

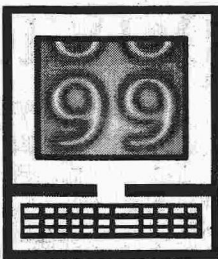
Grandes hospitais de São Paulo transformaram o bug do milênio numa boa notícia. Preocupados em evitar possíveis problemas com computadores ou equipamentos médicos que colocassem em risco o atendimento ao paciente na passagem de ano, acabaram apressando a modernização de seus sistemas de gestão, atualizando programas ineficientes e trocando máquinas ultrapassadas. O paciente já saiu ganhando, mas, como observou Edward Gerth, "a saúde é uma das únicas áreas em que agregar tecnologia não significa necessariamente reduzir custos". Gerth é secretário executivo de informática da Secretaria de Estado da Saúde e gestor desta área no Programa Ano 2000 — específico para equacionar o bug no Estado de São Paulo. Ele acredita que o custo desses investimentos será, direta ou indiretamente, repassado aos clientes dos hospitais.

Além de proporcionar, em alguns casos, saltos de produtividade, o tratamento antibug permitiu que os hospitais fortalecessem o relacionamento com fornecedores, nem que às custas de muita brônca e interminável vaivém de correspondência. Outro ponto importante no processo de ajuste foi lembrar aos médicos que, em última instância, são eles, e não as máquinas, que fazem a diferença na hora da emergência. Se toda precaução tecnológica for insuficiente para evitar transtornos nesta já memorável virada de ano, será a medicina à moda antiga — aquela das massagens no coração e da tomada de pulso — a real garantia da tranquilidade do paciente.

Mas ainda há áreas que preocupam. Os aparelhos mais sujeitos a apresentar problemas são os voltados a radiodiagnóstico — como ultrassons e tomógrafos, por exemplo — e aqueles ligados a tratamentos

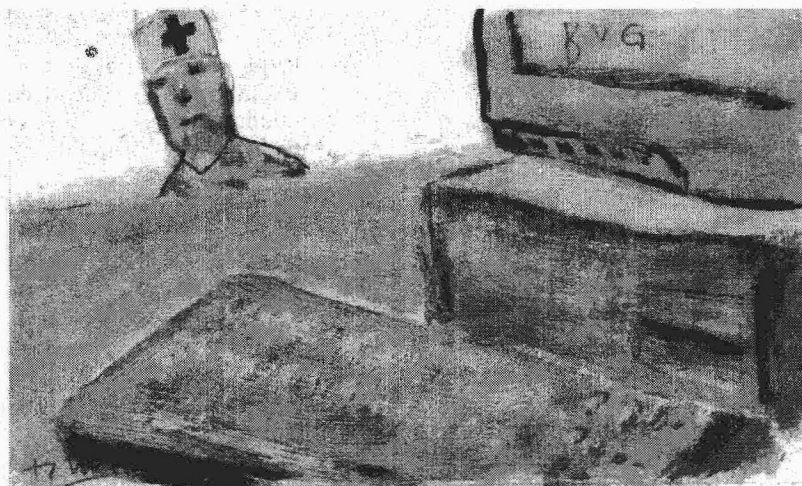
de câncer. Os primeiros não oferecem risco de vida, uma vez que são usados apenas como apoio ao diagnóstico. Uma ultrassonografia fetal que apresentasse a provável idade do bebê como 99 anos e 3 meses logo seria desconsiderada. Mas no segundo caso, a situação muda. "Se um equipamento de combate a tumores ficar indisponível, pode custar a vida do paciente", diz Gerth.

Com esta hipótese em mente, o Hospital Alemão Oswaldo Cruz providenciou a substituição de um aparelho de radiocirurgia, que planeja, para cada dia do tratamento, as dosagens necessárias de radiação no ataque a tumores malignos. Falhar nesse planejamento, em que a data é fator essencial, poderia significar, na prática, intensificar as doses e conseqüentemente "fritar" o doente,



ou então reduzi-las de modo a tornar o tratamento ineficaz. "Não valia a pena mexer no equipamento, porque o software era ultrapassado", comenta Paulo Palombo, gerente técnico do Oswaldo Cruz. Na troca, o hospital investiu US\$ 150 mil.

Foi uma das duas únicas substituições, num programa que consumiu US\$ 1,2 milhão, o equivalente a 10% de seu parque instalado. Todo o Sistema de Informática do Hospital (HIS), desenvolvido internamente, foi redesenhado, uma operação que levou sete meses. "O bug fixou a data-limite para essas modernizações", afirma Palombo. "Revimos conceitos que não mais atendiam às nossas necessidades, como cadastro de estoques, sistemas de agendamento de consultas, entre muitos outros", explica Lilian Quintal Lazzarini, gerente de informática. O relacionamento com os 40 fornecedores também foi lapidado. Foram necessárias diversas idas e vindas de cartas solicitando providências antibug e, em alguns casos, a resposta demorou a chegar. Isso resultou no cancelamento de dois



contratos. (Uma portaria da Vigilância Sanitária obriga os fabricantes de equipamentos médico-hospitalares a documentar que seus produtos foram tratados contra o bug. E há casos em que os hospitais têm tido dificuldade em obter o papel).

O Oswaldo Cruz converteu 3,2 mil programas e, como garantia, solicitou à Fundação Vanzolini — entidade ligada à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo — uma auditoria para obter a certificação Y2K, uma espécie de ISO9000 re-

cerca de 30% precisaram de upgrades de software", afirma Mattar. Dos 120 fornecedores de eletromédicos, 92% já enviaram atestados de conformidade e, dos 23 de eletroeletrônicos, 94% atestaram que seus equipamentos estão preparados.

Não só os modernos hospitais da rede privada aproveitaram o bug para atualizar-se. O Hospital do Câncer, que atende 5,5 mil pessoas por ano e é referência em oncologia na América Latina, mudou todo o sistema operacional — da linguagem

Dataflex para Oracle — o que permitiu um ganho de agilidade no atendimento e gerenciamento de pacientes. Agora, quase todos os departamentos

têm acesso à Internet e, até o final do primeiro semestre de 2000, os pacientes também poderão consultar resultados de exames através da rede, segundo Alexandre Freitas de Jesus, responsável pela área de informática. Nessas modernizações, o Hospital do Câncer investiu R\$ 500 mil aproximadamente.

A maioria dos equipamentos teve que ser adaptada para contar com quatro dígitos, e houve apenas um upgrade de software: de uma máquina que injeta material radioativo em

pacientes com câncer ginecológico. Segundo Ademilson Andrade, chefe de engenharia do hospital, as maiores preocupações eram quanto a aspectos de infra-estrutura. A capacidade do tanque de oxigênio medicinal foi dobrada, para 10,4 mil litros, e o gerador teve seu estoque de óleo diesel aumentado. "Temos garantia de fornecedores para mais de 90% dos equipamentos. E há casos para serem resolvidos no máximo até novembro", afirma Andrade.

O Instituto do Coração (Incor) é um exemplo mais radical de modernização e ganho de eficiência. Quando começou a estudar soluções futuras para o problema do bug, há dois anos, o serviço de informática simplesmente optou por trocar a maioria dos sistemas, ao invés de corrigi-los. Em parceria com Hospital das Clínicas, Fundação Zerbini e Fundação Faculdade de Medicina, o Incor contratou um novo sistema de gestão administrativa ERP (Enterprise Research Planning, da Oracle) que substituiu sistemas em linguagem Cobol com quinze anos de idade.

Só nessa troca foram gastos US\$ 5 milhões nos últimos dois anos, e o resultado foi a integração de dados sobre internação, pronto socorro, controle de leitos, agendamentos, faturamento e muitos outros que antes não podiam ser acessados on-line. Para se ter uma idéia do que o bug poderia causar a esses serviços, imagine-se um paciente internado no dia 30 e liberado no dia 1º (dois dias de hospital) que manda para seu convênio uma conta equivalente a 99 anos e dois dias — se o sistema de faturamento fizer o cálculo com base no ano de 1900. O Incor atende a 1,8 milhão de pessoas por ano.

"Nossa expectativa é de ganhos substanciais em produtividade", diz Umberto Tachinardi, diretor da divisão de informática. Um exemplo: o

Incor inaugura no início do ano que vem um novo prédio, que deve dobrar a capacidade para mais de 700 leitos. Os investimentos em informática vão permitir que o hospital "agüente" toda essa carga extra de informações. "Tivemos mais de 40% de ganho", arrisca Tachinardi.

Na opinião do diretor, o bug do milênio foi o catalisador dessas mudanças. "Ele teve um efeito psicológico na maioria das instituições. O ambiente ficou mais permeável a troca de tecnologias".

"Aumentamos nossa competitividade atualizando tecnologias", concorda Eber Rodrigues dos Santos, gerente de equipamentos médicos do Hospital Sírio Libanês. Esse avanço, segundo o engenheiro que coordenou todo o esforço antibug iniciado em janeiro de 1998, não po-

de ser quantificado, mas foi mais importante do ponto de vista da qualidade do trabalho. "É mais um aumento da confiança na atividade profissio-

nal. Todo mundo agora conhece melhor os recursos de que dispõe. E o sentimento é de que estamos bem, tecnologicamente", explica Santos.

O Sírio Libanês conduziu um detalhado programa de adaptações, contando principalmente com a ajuda de seus 165 fornecedores, responsáveis por estimados 1,2 mil tipos de equipamentos. Desse total, 10% precisaram de upgrades de software, mas a maioria passou apenas por adaptações feitas in loco pelos representantes dos fabricantes.

"O bug foi mesmo uma boa oportunidade para conhecer-nos melhor", comenta Edward Gerth, da Secretaria da Saúde. Na rede pública do Estado, foram gastos cerca de R\$3 milhões, inventariados 20 mil itens, em 43 hospitais e 10 institutos de pesquisa, e treinados 90 gestores para cuidar do programa de adaptações.

**O Instituto do Coração (Incor) trocou a maioria dos sistemas, ao invés de corrigi-los. Nessa troca foram gastos US\$ 5 milhões**

**Hospital Alemão Oswaldo Cruz gastou US\$ 150 mil na troca de aparelho de radiocirurgia para o tratamento do câncer**